



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Síntese da entrevista com Orilde Ribeiro HDE 527

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.09.002.SIN

Entrevistada: Orilde Ribeiro

Entrevistadores: Fabiana Zanandrea, Graciela Deon Rodrigues e Pâmela Cervelin Grassi

Tema: História de vida; Etnia Kaingang

Data: 13 de janeiro de 2026

Local: Instituto Federal Campus Farroupilha – IFRS

BIOGRAFIA:

Orilde Ribeiro, mulher indígena *kaingang*, nasceu no dia dezoito de julho de 1985 em Tenente Portela, Rio Grande do Sul, filha de Sílvio João Ribeiro e Luci Sales. Orilde é mãe de Kalindi Goj Tej Ribeiro, Maiara Ribeiro Kalana Kafej Ribeiro e Kymberllin Rayane Tãnh Ribeiro Moreira. Mora na comunidade *Pó Nãnh Mág*, cujo significado é Alto da Serra ou Serra Alta. Essa comunidade se localiza no município de Farroupilha e é composta por vinte e seis famílias, número que pode variar conforme a mobilidade dessa população. Orilde Ribeiro realizou a formação em Magistério pela Escola Cenecista em Tenente Portela. Atualmente, é professora da Escola Indígena *Nivõ* e estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia no IFRS – Farroupilha. Atua também para divulgar e fortalecer a cultura indígena *kaingang* por meio de eventos em instituições como o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, o IFRS – Farroupilha e em escolas da região. Fonte: informações obtidas ao longo da entrevista e pesquisa pela Unidade.

TEMAS PRESENTES NO RELATO:

A infância em Tenente Portela

As moradas distantes umas das outras.

A mudança para as proximidades da casa dos avós e a necessidade da família de estar mais próxima a uma escola para os filhos.

O trabalho do pai, na produção de soja e milho, para produtores rurais na região. A coleta do “tiguerano” após o plantio dessas culturas.

A alimentação *kaingang* presente no cotidiano familiar.

O consumo de alimentos como o *emĩ* (bolo nas cinzas), o ouriço, o *gambá*, o *piché* (milho torrado), a buchada de porco, a canjica, a mandioca...

As brincadeiras no mato com os primos, a coleta de frutos e o contato com animais silvestres.

Religiosidade e Medicina tradicional *kaingang*

A presença da Igreja Católica, o Frei Gerê e as procissões na comunidade indígena em Tenente Portela.

As inter-relações familiares com o meio urbano e a conversão evangélica.

O relato do uso de ervas medicinais pela avó paterna.

Sílvio, o pai, como conhecedor das ervas medicinais na família de Orilde. A administração de ervas no puerpério de Orilde.

O “remédio dos espíritos” para passar ao redor da casa após o falecimento de um familiar ou conhecido.

A presença dos espíritos nas plantas e os cuidados com a administração das ervas.

Os animais e a comunicação com o mundo espiritual na cosmovisão *kaingang*.

Os indígenas mais jovens e a cultura *kaingang*

A transmissão inter-geracional da cultura *kaingang* e o desinteresse de muitos estudantes pelo tema.

O medo da discriminação e do preconceito que acomete os jovens indígenas.

O preconceito enfrentado por Orilde no ensino fundamental fora da comunidade indígena.

A importância da formação acadêmica de Orilde na luta por reconhecimento da identidade *kaingang* e pela valorização dos saberes tradicionais.

A língua *kaingang*

A avó que se comunicava somente na língua *kaingang*.

O casamento da bisavó paterna com um argentino e a proibição de falar em *kaingang*. Como consequência os Ribeiro não falam a língua originária.

Na comunidade *Pó Nãnh Mág* poucos falam o *kaingang* pois a maioria pertence à família Ribeiro.

Comunidade *Pó Nãnh Mág*

A mobilidade dos moradores da aldeia, as idas e vindas de outras comunidades maiores. A influência da disponibilidade de trabalho sazonal na agricultura da região.

A necessidade de autorização do cacique para o ingresso de novos moradores na comunidade e as regras convivência.

As mudanças culturais proporcionadas pelo trabalho remunerado.

A Escola Indígena Nivõ e a trajetória como educadora

A escola foi criada em 2007 e o nome é homenagem ao indígena *kaingang* João Grande Nivõ, que viveu na Serra Gaúcha.

As crianças *kaingang* da aldeia têm acesso até o quinto ano, quando passam a frequentar escolas externas e contar com o deslocamento realizado em ônibus do município.

A escola, inicialmente, funcionou em uma barraca de lona preta. Os professores atualmente são todos indígenas.

O trabalho precursor do professor Aureliano e as dificuldades em constituir uma escola para as crianças *kaingang* dentro da comunidade. A desistência de Aureliano em 2013.

O convite à Orilde para assumir a escola e os percalços inerentes ao processo. As condições físicas da escola, a falta de material pedagógico e de merenda.

A sobrecarga de trabalho e a luta por uma direção escolar e por mais professores. A relação com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação (4ª CRE).

Os cuidados com a mãe, com o ex-companheiro e a paralisia de Bell que acometeu Orilde.

O adoecimento psíquico e o encaminhamento pelo Instituto Federal de Farroupilha (IFF) ao Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (CAISME).

O papel do cacique na comunidade *Pó Nãnh Mág*

Segundo Orilde, a escolha do cacique da comunidade cabe aos homens que a integram.

O primeiro cacique, Ornélio Ribeiro, foi também um dos primeiros moradores. Com a sua saída, foi escolhido Oneri Ribeiro, irmão do Ornélio. Devido a não aceitação dessa liderança pela comunidade, a Cacica Silvana foi a primeira mulher a exercer essa liderança. Atualmente, quem ocupa essa posição é Alexander Ribeiro, filho de Silvana.

Orilde ressalta a cooperação e a parceria existente no período de atuação da Cacica Silvana.

Dentre as atribuições do cacique, há o compromisso pela busca de recursos e pela organização da comunidade. Em conflitos internos o mediador é o capitão, que também auxilia nas questões burocráticas

Atividades culturais e visitas à comunidade

A participação dos jovens *kaingang* nas festas promovidas pelos Guaranis.

As visitas realizadas à aldeia por escolas e universidades. O incomodo do cacique com visitas que não apresentam uma contrapartida aos moradores.

A visão de Orilde sobre as visitas e as doações que beneficiam especialmente as crianças.

O auxílio de um estudante de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS) para melhorar o conforto térmico da escola no inverno.

A pandemia do Novo Coronavírus (2020-2023)

O conflito entre as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e a necessidade de sobreviver com a venda de artesanato.

As recomendações do cacique sobre o uso de máscaras e a quarentena.

O trabalho da Secretaria da Saúde Indígena (SESAI) junto à comunidade.

As enchentes de 2024

A elevação do rio e a saída da comunidade. A resistência de parte dos moradores por receio de invasões e furtos. A mediação do cacique.

A precaridade das acomodações nos pavilhões da Fenakiwi e a recomendação de dividir o grupo. A discordância da comunidade e a mudança para o porão de uma igreja.

A mobilização promovida por Orilde no Instagram em busca de doações de alimentos e agasalhos.

O problema com a destinação das doações.

O difícil retorno à comunidade *Pó Nãnh Mág*: a falta de energia e de água.

A cestaria *kaingang*

As dificuldades em conseguir matéria-prima: a busca por cipó fora da aldeia.

O significado dos grafismos *kamé* e *kairu*.

A desvalorização do trabalho artesanal indígena e o desafio de torná-lo sustentável.

Considerações finais de Orilde sobre visibilidade indígena e valorização cultural.